



22112053



PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Wednesday 11 May 2011 (morning)
Mercredi 11 mai 2011 (matin)
Miércoles 11 de mayo de 2011 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 1

Vestida de saia branca, visivelmente suja, com uma blusa castanha, pés descalços, bacia de tamanho médio de cor azul na cabeça, repleta de pequenos sacos de plástico com água, foi assim que encontramos Nina, uma menina de 11 anos de idade a andar de um lado para o outro gritando: “É água fresca. Tá qui água.”

5 Era desta forma que a pequena Nina procurava atrair os clientes. Cada saco de água era comercializado a dez kwanzas¹. Diariamente factura entre 300 a 400 kwanzas. Por isso a época quente é a que mais a atrai. “Vendo mais quando faz muito calor,” frisou, no breve contacto que mantivemos com a pequena. Apesar da sua pouca idade, já enfrenta o dilema do sustento da vida, vendendo água fresca para ajudar os pais, que estão desempregados. Como ela,
10 muitos cidadãos luandenses sobrevivem de pequenos negócios, sobretudo os mais velhos, para combater o desemprego.

Cristina Gongá, de 18 anos, moradora no bairro Prenda, também vende água. Começou há três meses para sustentar o filho, enquanto o marido ainda estudante, luta para conseguir emprego que, segundo disse, está difícil de obter. Mas um negócio de venda de água
15 gelada não se apresenta tão fácil como parece. Os constantes cortes no fornecimento de energia eléctrica, como tem acontecido com frequência na zona onde mora Cristina, têm condicionado as vendas e provocado alguns prejuízos. “A energia falha muito e, quando isso acontece, não vendemos porque os clientes não aceitam água natural,” adiantou.

Já Isabel optou pela venda de gelados com sabor de múcua² já lá vão 12 anos. É com
20 este micro negócio que sustenta a família composta por 8 filhos. O marido está desempregado. “Os meus filhos comem da venda do gelado.”

Maria Campos, *Novo jornal*, Angola (2008)

¹ kwanza: moeda angolana

² múcua: fruto de uma árvore que se chama imbondeiro

Texto 2

Triste lua

Chamam-te mulher-a-dias*
E chegas de manhãzinha
Calças uns chinelos velhos
À entrada da cozinha

5 Viva, Senhora Maria!
Bom dia, Minha Senhora.
Lavas a casa dos outros
E à noite vais-te embora.

Já descalçaste os chinelos
10 Já acabaste o teu dia:
Boa noite, Minha Senhora!
Adeus, Senhora Maria!

E na mala de plástico
Metes restos de comida:
15 Agradeces às Senhoras:
A caridade cumprida.

Moras tão longe, num quarto,
Onde te deitas cansada:
Amanhã outra Senhora
20 Que quer a casa lavada...

Quando te vejo passar
A lua vem-me à ideia:
Triste lua de um só quarto,
Na órbita da lua cheia!

Matilde Rosa Araújo, *Colecção Bandeiras de Todo o mundo*, Portugal (1967)

* mulher-a-dias (Portugal): faxineira (Brasil)

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 3

O pai era uma pessoa diferente doutra qualquer. Sentava-se à cabeceira da mesa e, quando não estava, ninguém, podia ocupar-lhe o lugar. Lourença olhava para o lugar vazio e, de repente, a comida não passava e os olhos cresciam por dentro com a chegada das lágrimas. Depois acalmava. Não gostava de chorar: achava uma perda de tempo, porque as coisas não se arranjavam com o choro. Marta chorava por tudo e por nada, e conseguia que as pessoas se interessassem por aquilo que ela queria. Mas Lourença ficava humilhada só com a ideia de inspirar pena a alguém. Um dia caiu e esfolou os joelhos na areia do jardim; o sangue que corria, assustou-a muito e ela gritou. O Tio António, que tinha chegado nesse momento, fez troça dela e disse:

10 – Isso não é nada.

A pele estava rasgada e não parecia fácil compô-la. Já era alguma coisa. Percebeu que a gente grande não era muito inteligente. Não podia diferenciar o que acontece do que não acontece. Lourença gritava, não porque lhe doía, mas porque ninguém podia compor de repente a sua pele; e isso queria dizer que se tratava de um acontecimento verdadeiro. “Amanhã estás boa” – disseram-lhe. Mas o que era amanhã, Lourença não queria saber. Agora era muito mais importante.

20 O pai, esse teve um sorriso que parecia doer-lhe na cara. Lourença esqueceu-se do ferimento e do joelho que ela não se atrevia a mexer, e calou-se. Não podia olhar para o pai assim aflito e a tentar parece distraído. Estava envergonhada e deixou que a curassem sem se importar. Era tudo melhor do que causar pena nos olhos do pai, pena de homem, que é uma coisa que parece que vai durar para sempre.

Agustina Bessa-Luís, *Dentes de Rato*, Portugal (1987)

Texto 4

Puxa! Hoje em dia é difícil ser-se filho em Portugal! No meu tempo, os pais andavam atrás de nós para cortarmos os cabelos. Hoje, os pais modernos vão à escola buscar os filhos e usam o cabelo arranjado em rabo-de-cavalo! Que vexame!

Sejam compreensivos para com os vossos pobres pais. Estão a atravessar uma fase difícil. 5 Todas as fases da vida são difíceis. A idade do armário não é só aos 1 anos – regressa de 10 em 10 anos, aos 21, aos 31, aos 41. O armário pode ir mudando, mas as pessoas fecham-se lá dentro da mesma maneira.

No meu tempo, todas as crianças sonhavam ser como os pais quando crescessem. Hoje, todos os pais querem ser como os filhos. Antigamente, nós crescíamos. Hoje, eles decrescem. 10 As crianças já são adultas aos nove anos – fanáticas, censuradoras, antitabagistas, ralhadoras – enquanto os adultos readquirem comportamentos infantis.

Hoje, é quase impossível ter um conflito geracional minimamente decente. Os valores são dados às crianças para lhes dar algo que pensar, contra os quais se possam erguer, que possam rejeitar e, um dia, substituir ou até reencontrar. Se, se diz a uma criança “tu é que sabes,” a criança 15 fica sem saber em que pensar. Ou por outra: fica a pensar que os pais não sabem nada, ou que não se preocupam.

As crianças precisam de regras que possam quebrar, ordens às quais possam desobedecer, figuras com as quais possam medir forças. É preciso ralhar às crianças para elas criarem o saudável sentido da injustiça. Um pai que usa um rabo-de-cavalo não consegue dar uma descasca 20 convincente a ninguém.

As crianças portuguesas de hoje – vá lá, as que têm entre 8 e 14 anos – são autênticas mártires. Educam-se praticamente sozinhas. Controlam os vícios dos pais. “Ó mãe, não fumes tanto!” “Ó pai, já bebeste sete cervejas!” Desaprovam e tentam, em vão, emendar.

Crianças deste país, não desanimem! A coisa está torta mas ainda há esperança. 25 E quanto ao rabo-de-cavalo, a única arma eficaz é dizer-lhe, assim como quem não quer a coisa que é “divertido,” apesar de fazê-lo parecer mais velho. E um bocadinho mais gordo. E bastante mais careca.

Miguel Esteves Cardoso em *O independente*, Portugal (1984)